IDENTIDADE NEGRA E LITERATURA INFANTIL

BLACK IDENTITY AND CHILDREN'S LITERATURE

Fabiana dos Santos[1]

Resumo: O presente trabalho pretende abordar as questões sobre identidade, miscigenação e literatura infantil. Sob essa ótica, buscou-se identificar como é construída a identidade da criança negra nas obras literárias produzidas para elas. Dessa maneira, pesquisou-se em obras infantis voltadas para as questões identitárias, tão negligenciadas, abordagens positivas da miscigenação brasileira. Para tanto, usamos como exemplo a obra infantil *O Cabelo de Lelê* (2007), de Valéria Belém. Como suporte teórico, no tocante a miscigenação no Brasil, foram usados Fernandes (1978;2007), Freyre (2006), Gomes (2003;2017), Munanga (1996;2008), entre outros. Quanto à literatura infantil usamos Abramovich (1997), Coelho (2000), entre outros. Assim, pudemos perceber possibilidades de mudança no pensamento sobra a miscigenação brasileira através da educação e leitura desde a infância.
Palavras-chave: identidade; infância; literatura; miscigenação.

Abstract: The following paper intends to approach issues that cover topics such as identity, miscegenation and children's literature. Using the aforementioned perspective, the goal is to indentify how the identity of a black negroe child is constructed in literary works. Therefore, research of positive approaches to Brazilian miscegenation and identity questions, so neglected, has been conducted. In order to accomplish that, Valeria Belem's "O Cabelo de Lelê (2007)" was used as basis to this study. As for theoretical support, in regards to Brazilian miscegenation, the following works have been used Fernandes (1978; 2007), Freyre (2006), Gomes (2003; 2017), Munanga (1996; 2008), among others. As for children's literature, we use Abramovich (1997), Coelho (2000), among others. Having done what we have described, it was possible to notice the possibilities of chance in the way of thinking regarding Brazilian miscegenation through education and reading since early ages.
Keywords: childhood; identity; literature; miscegenation.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Email:fcirce27@gmail.com

Introdução

Tomando como base as teorias que versam sobre as questões da identidade e nacionalismo, pretendeu-se nesse artigo compreender quais são e como são apresentados os traços culturais e históricos afrodescendentes para as crianças tomando como exemplo o livro infantil *O Cabelo de Lelê* (2007), de Valéria Belém.

Esse trabalho nasceu das leituras e debates nas aulas Estudos em Identidade Cultural no curso de doutorado em Letras da Universidade Federal de Sergipe, onde foram abordadas leituras que versam sobre a políticas da identidade partindo das questões de nacionalidade, gêneros e raça, analisando a identidade cultural nas mais variadas vertentes, bem como as políticas locais e globalizantes. O curso propunha a leitura e análise de textos significativos que embasam os estudos sobre identidade cultural brasileira. Assim, buscou-se refletir sobre os conceitos que envolvem os estudos da identidade brasileira, levando em consideração as críticas dos principais pensadores, alguns utilizados nesse artigo. Com essas análises, observou-se as tensões existentes entre cultura, identidade, história e, em especial, literatura. Dessa forma, enfatizou-se a relevância desses estudos, sobretudo, para a cultura brasileira, principalmente no tocante às questões étnicas do país.

Em um mundo que passa constantemente por grandes transformações políticas e econômicas e fruto de uma tradição opressora no tocante a questão das etnias, ficam cada vez mais evidentes a problemática e os debates sobre as questões identitárias nacionais e étnicas. De acordo com este pensamento, a ideia tradicional de sociedade é diretamente afetada por novos pensamento e concepções sobre tais questões. Nos encontramos agora em uma sociedade e cultura dinâmicas, onde os antigos modelos que definiam os grupos são discutidos e já não deveriam mais serem seguidos. Porém, ainda percebemos que tais modelos por vezes se repetem e são perpetuados pelos grupos historicamente dominantes, principalmente nas questões étnicas.

Todas as mudanças sociais geram conflitos entre o tido como tradicional e o moderno. Tais conflitos nascem dos discursos produzidos por esses grupos de luta que produzem novos paradigmas e desconstroem os antigos. Esta nova reconfiguração social, ou pelo menos sua tentativa, exige-nos diferentes percepções, principalmente nos momentos em que os antigos modelos são questionados com propriedade e são perceptíveis por todos.

Com esta tentativa de quebra de paradigmas, as questões raciais e de resignificar a posição do negro na sociedade, pós década de 60 do século XX, com os movimentos de independência dos países africanos, trouxeram mudanças diretas para o negro. Tudo isso resultou no reconhecimento das culturas populares, da miscigenação afrodescendente e da consciência racial.

Traça-se assim um novo perfil, porém com resistências, o que gera vários episódios de represarias aos movimentos de valorização da cultura afro-brasileira. No Brasil, a luta pelo reconhecimento da cultura negra na história do país ocorre há décadas, como comprovam vários teóricos. Neste movimento identitário, constroem-se a obra literárias *O Cabelo da Lelê* que, tendo a criança como público alvo, possibilita, a princípio, esta mudança ideológica desde a infância numa tentativa de mudar as concepções das novas gerações.

Nacionalismo e Miscigenação

O significado do que seja nacionalismo mistura-se na realidade e na ficção. De acordo com Candido (1995, p.293), nacionalismo "corresponderia em primeiro lugar a um orgulho patriótico de fundo militarista, nutrido de expulsão de franceses, guerra holandesa e sobretudo do Paraguai". Em segundo, vinha da grandeza do país, e seu extenso território, "o maior rio do mundo, as paisagens mais belas, a amenidade do clima", clima agradável, terra fértil. E o que garante a manutenção desta ideia, é a falsa concepção de que não há aqui preconceito racial.

Muitos escritos, reais e ficcionais, ajudaram na construção dessa falsa ideia. Textos das estéticas árcade e, principalmente, romântica contribuíram imensamente para essa concepção nacionalista e acolhedora de Brasil, que perdura até a atualidade, porém findaram por reforçar ainda mais conceitos excludentes pautados na hegemonia do colonizador e na desvalorização do colonizado.

Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1936), constrói a ideia de povo brasileiro como "exilados em nossa própria pátria" (p.32) , fechados em moldes europeus que organizavam a vida e o comportamento, as instituições e visão de mundo. Freyre, em *Casa-Grande e Senzala* (2006), relata, ao longo da obra, sobre as contribuições de portugueses, índios e africanos, fazendo de nós um povo mestiço na

perspectiva étnica e cultural. Desta forma, toda a discursão sobre os modelos do colonizador e preconceitos raciais acabou por debruçar-se no tocante às questões culturais.

Nesse debate para compreender a miscigenação e sua inserção na concepção de nacionalismo literário é importante entender a mestiçagem. Segundo Munanga (2008, p.17), num sentido populacionista, a mestiçagem é "concebida como uma troca ou um fluxo de genes de intensidade e duração variáveis entre populações mais ou menos contrastadas biologicamente". Para ele, ideologicamente, a miscigenação:

> A mestiçagem não pode ser concebida apenas como um fenômeno estritamente biológico, isto é, um fluxo de genes entre populações originalmente diferentes. Seu conteúdo é de fato afetado pelas ideias que se fazem dos indivíduos que compõem essas populações e pelos comportamentos supostamente adotados por eles em função dessas ideias. A noção de mestiçagem, cujo uso é ao mesmo tempo científico e popular, está saturada de ideologia. (MUNANGA, 2008, p.18)

O fim da escravidão expõe aos pensadores e intelectuais uma problemática até então nunca discutida, isto é, a construção da ideia de nação e de identidade nacional com uma nova perspectiva. Toda esta questão se constrói pelo nascimento de uma nova classe de cidadãos que são os ex-escravos (MUNANGA, 2008, p.43). A partir desse novo perfil histórico, surge a necessidade de colocá-los como elementos constituintes da identidade e da nacionalidade brasileiras herdadas de um passado que os consideravam somente como força de trabalho.

Sílvio Romero também foi um dos intelectuais que buscou uma explicação para a identidade étnica do país. Todavia, Munanga (2008, p. 49-50) alerta que "no pensamento de Romero a mestiçagem representa apenas uma fase transitória e intermediária no pavimento da estrada que levaria a uma nação brasileira presumidamente branca".

O antropólogo e médico Raimundo Nina Rodrigues (1894), que discorda da ideia de Romero, defende que seria possível desenvolver no país uma civilização com base na mistura da cultura *branca* (do colonizador) com as contribuições do negro e do índio (colonizados). Esses eram vistos por Rodrigues como espécies incapazes e como sendo "Uma adaptação imposta e forçada de espíritos atrasados a uma

civilização superior provocaria desequilíbrios e perturbações psíquicas" (apud MUNANGA, 2008, p.51).

Torres e Bonfim foram exceções a essas ideias degenerativas sobre raça. Torres defendia a concepção de que a diversidade racial não era um empecilho para a constituição da identidade brasileira. Para ele, nenhuma nação era formada de maneiro homogênea e que isso não impediu de formar nações moral, social e política. O pensador ainda ressalta que todas as nações recentes surgem da descoberta e da colonização. Assim, Torres (apud MUNANGA, 2008, p.58) "destaca a importância do nacionalismo para um país jovem, que 'jamais chegará à idade da vida dinâmica sem fazer-se nação"'. A problemática nacional, para Torres, estaria na alienação da realidade nacional, inadequação entre a realidade do país e as instituições criadas pelas nações antigas. Para ele, a nação é feita de diversidades raciais e culturais. Torres (apud MUNANGA, 2008, p.58) defende que deve haver apoio mútuo entre as raças e "que a forma desses interesses 'comuns' dos homens da mesma geração, e do sentimento de previdência, em prol das vindouras, resulta da consciência da nacionalidade".

Manuel Bonfim (apud MUNANGA, 2008, p.59-60) também discordava das concepções racistas de seu tempo. Buscou compreender o atraso relativo do país e as causas desse seriam o desejo do enriquecimento rápido, a falta da tradição empírica ou científica, unidas a uma cultura legalista, o forte conservadorismo político e a não organização social. E não as questões raciais ou de miscigenação.

Bonfim e Torres defendiam a ideia de que a unidade nacional em um país criado através da colonização era de natureza sociológica, político econômica, e jamais racial. João Batista Lacerda aderiu ao mesmo pensamento, corroborando que o problema nacional não estava na pluralidade racial, mas na educação de todos. Hoje, a educação igualitária poderia ressaltar o diálogo entre as identidades culturais, o respeito e a compreensão inter-racial entre os brasileiros.

Sendo assim, a estruturação de uma identidade nacional, com consciência nacional coletiva, pressupõe uma retomada da cultura negra e de seu passado histórico, da compreensão de sua participação positiva na construção do Brasil. Implica a consciência dos brasileiros brancos, no respeito e integração às culturas negras e mestiças; a contribuição à pacificação racial, na valorização da negritude do próximo, com toda sua complexidade biológica, cultural e ontológica; uma sociedade plural, biológica e culturalmente; uma sociedade mestiça, fora do caminho do

branqueamento, mas no sentido fraternal entre os homens e suas raças. E a educação e a leitura, desde a infância, pode ser o passo importante que contribuiria para tal processo. Através da escola podemos modificar essa visão negativa no negro e retomar sua relevância na construção do país.

Literatura Infantil e Identidade

No texto literário, toda comunicação é construída através da linguagem, o que a torna um campo bastante frutífero para a construção de significados e reestruturação de novos conceitos sociais. A língua constrói representações históricas, sociais e culturais da sociedade da qual faz parte e torna-se reprodutora de seus padrões, sejam eles quais forem, como também reprodutores de suas mudanças. Segundo Woodward (2000, p.17), as representações culturais estabelecem "identidades individuais e coletivas", pautado em arquétipos que constroem quem somos, o que pretendemos ser ou o quem a sociedade quer que eu seja.

Sendo assim, a literatura pode nos fornecer modelos socioculturais específicas, já que essas são representações indiretas diante da concepção observadora de um autor. Nessa perspectiva do autor, dependendo do ambiente ao qual este pertence, podemos ter olhares dos mais variados tipos e correntes de pensamento. Desse o olhar do dominador até o olhar do dominado. Por exemplo, no Romantismo brasileiro temos a repetição do padrão colonial de concepção da cultura negra no Brasil, ou seja, o olhar do opressor. Na contemporaneidade, já se percebe uma mudança de direcionamento já que, como citado, as lutas de classes e as questões raciais são cada vez mais presentes nos discursos modernos.

Segundo Chartier (1990, p.17), toda representação social é uma prática cultural que nos auxilia a pensar a realidade e (re) construí-la. Os elementos sociais não são neutros, já que constroem atos sociais que findam por traçar normas impostas que sempre oprimem alguém, e que não são incluídos em tais regras. Tudo isso gera justificativas das escolhas, pensamentos e conceitos de cada indivíduo.

O autor ainda afirma que toda luta por representação é tão relevante quanto uma luta econômica, explicando assim o quão

importante se torna a luta de grupos raciais e seu caráter coletivo. (CHARTIER, 1990, p.17)

Os estudos sobre a representação tornaram-se recorrentes na pós-modernidade. Tudo isso é resultado do pensamento de que a estrutura do discurso não é somente uma fonte de pensamento, mas também uma reflexão sobre o contexto na qual foi construída.

Quando estudamos as questões sobre a representação nas obras literárias, percebemos o discurso e a imagem que evidenciam valores e ideologias sociais, históricos, culturais e de identidade.

Com as propostas de valorização das culturas marginalizadas, estruturaram-se políticas que pretendem contribuir para a reconstrução de uma sociedade que seja reconhecido como plural e miscigenada. No Brasil, destaca-se a problemática sobre o respeito e o reconhecimento da cultura afrodescendente. E uma das estratégias é a inclusão dos conteúdos que abordam o tema nos currículos escolares numa tentativa de sanar uma necessidade de uma pedagogia multirracial para atender às novas (porém recorrentes e constantes) necessidades sociais de reconhecimento individual e coletivo. Para tanto, as determinações legais na educação buscam cumprir e propor ações de combate ao racismo e as discriminações.

A literatura para crianças no Brasil, inicialmente com bases eurocêntricas, vem passando por um processo de descentramento com a escrita de exemplares que abordam questões da contemporaneidade e uma delas, e de grande relevância, é a racial. Com a necessidade de se dar a devida relevância à cultura de origem afro na formação identitária brasileira, muitas ideias anteriores forma repensadas em uma tentativa de atender a demanda sobre o tema na educação.

Muitas obras infantis da atualidade, como as obras aqui analisadas, fornecem aos pequenos leitores modelos de representação fora dos padrões recorrente de posicionamento do negro nas obras literárias e na formação cultural. Assim, através da educação, poder-se-ia desenvolver novos valores pelo menos um pouco distintos daqueles construídos historicamente. As histórias infantis constroem o desenvolvimento cognitivo através das construções simbólicas da linguagem literária sobre a temática afro-brasileira contribuindo para a diminuição da desigualdade. Para Abramovich (1997):

> [...] uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou

> de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história cada um a seu modo (ABRAMOVICH, 1997, p.13).

Os ensinamentos da literatura infantil são de extrema relevância para expor de maneira suave as intemperes da infância e as possíveis soluções para elas, já que nas narrativas infantis ocorre uma fácil identificação entre leitores e personagens. Coelho (2000) e Bettelheim (1980) destacam que a simbologia nas histórias infantis mostra os principais problemas humanos ao longo da vida social. Principalmente no que diz respeito às questões étnicas, os problemas são bastante claros. A representação do negro sempre está longe do bom e belo, seja no âmbito social ou cultural, fato que vem de todo apanhado de informações construído ao longo da história do Brasil.

Para Coelho:

> [...] a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção (...) a finalidade dessas histórias é confirmar a necessidade de se suportar a dor ou correr riscos para conquistar a própria identidade (COELHO, 2000, p.55-57).

Nessa perspectiva, como pode a criança negra identificar-se com as histórias clássicas infantis sempre com heróis homens e brancos? Como estas questões são vistas nas histórias infantis contemporâneas? Esses são pontos primordiais na educação da atualidade.

Mesmo que a teórica esteja se referindo às histórias clássicas infantis, os efeitos destas são primordiais para a formação do cidadão. Tais efeitos, quando vistos na literatura infantil de temática afro-brasileira, constroem um imaginário cultural já existente, porém negado histórica e socialmente. Privilegiam a questões da diversidade e pluralidade cultural e da representatividade negra na construção da identidade nacional.

A construção estética dos significados em uma obra literária gera o prazer da leitura e constroem imagens que se integram e modificam a visão dos leitores. Desta forma, no tocante à obra literária infantil, é primordial na formação cidadã desde a infância, principalmente nas

questões identitárias e étnico-raciais. Além de ser uma possibilidade de se confirmar e destacar nas crianças a pluralidade e a ideia de que isto é um ponto positivo de nossa cultura, também reavalia o olhar da criança sobre si mesma e sobre as outras crianças difundindo, assim, o respeito e a valorização da identidade negra.

Identidade negra em O Cabelo de Lelê (2007), de Valéria Belém

Em tempos em que as questões étnico-raciais estão presentes na escola e na vida das crianças, explicar aos pequenos tudo que envolve essa problemática requer instrumentos lúdicos e eficazes para alcançarmos a compreensão e as mudanças sociais necessárias à sociedade futura. E um desses instrumentos é a literatura.

O Cabelo de Lelê (2007), foi escrito pela jornalista Valéria Belém, ilustrado por Adriana Mendonça, narra a história de uma menina negra de cabelos enrolados que estava insatisfeita com seus cachos. Buscando explicação para tantos cachos, descobriu muito sobre a África, sobre sua identidade e que seu cabelo era enrolado devido ser afrodescendente. Assim, poderia fazer diferentes penteados em seus cachos e cada um deles era um pedaço de sua história. Conhecendo sua história, reconheceu e valorizou sua identidade e história.

A ilustração da capa no livro já nos é bastante representativa e expõe os traços físicos da personagem negra com sua vasta cabeleira cacheada. Na capa, ela lê um grande livro intitulado "*Países africanos*". Os cabelos se espalham na ilustração simbolizando uma forte autoafirmação dos traços negros, como também uma provocação ao tema da imagem dos negros. Todas as ilustrações são bastante significativas, pois concretizam e reforçam a identidade racial.

O cabelo é uma forte imagem que une a representação social e cultural da identidade cultural afro descendente. Na obra, o título também destaca essas marcas identitária, sociais, ideológicas que essa imagem contém. No contexto contemporâneo, em que ainda é colocado com belo e aceitável o "cabelo bom" (leia-se, liso), a indústria da beleza impõe conceitos fora de muitas realidades. E isso inclui o público infantil. Na obra infantil de Valéria Belém, é apresentado a esse público infantil uma imagem positiva e com justificativa histórica dos traços característicos do cabelo enrolado e a pele escura. De forma positiva e

informativa, a autora aborda de forma lúdica e pedagógica os traços tão particulares de cada ser humano. Como expressa Gomes:

> O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2003.p.3).

A obra começa com a demonstração de insatisfação da personagem e a incompreensão sobre tantos cachos nos cabelos: "Lelê não gosta do que vê. – De onde vêm tantos cachinhos?, pergunta, sem saber o que fazer/ Joga pra lá, puxa pra cá/ Jeito não dá, jeito não tem./ De onde vêm tantos cachinhos, a pergunta se mantém". O que nos remete ao conceito de Woodward (2000) sobre a representação em uma ótica cultural, estruturando identidade coletivas e individuais que se pautam nos questionamento "quem sou eu?". Lelê se faz esse questionamento ao tentar compreender suas características físicas e sua identidade, o que nos demonstra uma distinção em comparação a outro. Leia-se esse outro como branco e com cabelos lisos, isto é, aceito socialmente.

Com um narrador onisciente, o texto prossegue com "Toda pergunta exige resposta/ Em um livro vou procurar! ". Percebe-se que a busca pelas explicações em um livro. A presença do objeto livro, de certa forma, valoriza e busca do saber como forma de diminuir as diferenças no olhar sobre a pluralidade na formação do país. Mesmo que se distancie da proposta dos estudos culturais que busca a aprendizagem pelas manifestações culturais. Porém, pensando no público infantil, o livro se torna um instrumento viável, já que as crianças ainda estão em processo de formação e conhecimento cultural.

A narrativa prossegue: "Depois do Atlântico, a África chama/ E conta uma trama de sonhos e medo/ De guerras e vidas e mortes no enredo/ também de amor no enrolado cabelo/ Puxado, armado, crescido, enfeitado/ Torcido, virado, batido, rodado/ São tantos cabelos, tão lindos, tão belos! ". Com um ritmo cadenciado, que se aproxima do lúdico e do público infantil, esse fragmento fornece informações importantes sobre o continente africanos, pincipalmente culturais, que

instruem o leitor para a construção identitária de si mesmo e do outro. As escolhas de vocabulário e a articulação dos significados demonstram a África de forma positiva, confirmando os valores que a obra se propõe a construir nos pequenos leitores que, socialmente, não são expostos a modelos culturais que valorizem as raízes africanas. Na obra, são mencionadas as lutas dos africanos que compõem seus traços culturais, o que faz com que Lelê entenda sua origem através de seus antepassados.

Em um determinado momento da obra que "Lelê gosta do que vê!/ Vai à vida, vai ao vento/ Brinca e solta o sentimento/ Descobre a beleza de ser como é/ Herança trocada no ventre da raça/ Do pai, do avô, de além-mar até". A personagem reconhece suas raízes e sente-se bem reafirmando sua identidade afro-brasileira. A obra proporciona não somente a aceitação e respeito, como também refletir sobre a formação do próprio país, como se percebe em: "O negro cabelo é pura magia/ Encanta o menino e a quem se avizinha". O cabelo, antes motivo de desgosto, transforma-se, pela identificação com a verdadeira cultura da qual faz parte, em "pura magia", que encanta também o outro e insere-se como traço comum à sociedade.

Até o final do texto, esse encantamento é reforçado: "Lelê já sabe que em cada cachinho/Existe um pedaço de sua história/ Que gira e roda no fuso da terra/ De tantos cabelos que são a memória/ Lelê ama o que vê!". Os cachinhos agora são a prova de sua identidade e de sua história. E esse processo de identificação também pode ocorrer nos pequenos leitores e se refletir também nos círculos sociais dessa criança. Sobre esse aspecto Gomes (2003) relata que "(...) no início do século XV o cabelo funcionava como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais e, nessas culturas, o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem". Sendo assim, levando a cultura como um fenômeno baseado em um discurso que produz sentidos, Hall (2006) confirma:

> [...] As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p.51).

O cabelo, na obra, torna-se um símbolo de representação e de orgulho das raízes africanas que tanto contribuíram para a formação de

nosso país. Em uma sociedade que, por décadas, deformou os cabelos afro com procedimentos para alisá-los e torna-los próximos ao padrão europeu, negava-se a identidade cultural desses descendentes. Obras como essa que tocam nessas temáticas provoca a desconstrução de modelos preestabelecidos por séculos e reforçados por escritos históricos e sociais que tentava comprovar a inferioridade negra na sociedade.

Ao finalizar o texto, a autora propõe um questionamento: "Lelê ama o que vê! E você?". Dialogicamente, a obra convida os leitores a posicionar-se diante das descobertas realizadas por Lelê. Descobertas essas que nasceram de dúvidas tão recorrentes em várias situações sociais que tocam nos preconceitos raciais. Muitas crianças, principalmente no ambiente escolar, podem passar por essas situações e são convidadas pelo narrador a pensar sobre ela.

Percebe-se que a personagem, enquanto representação da imagem do negro, passa por uma mudança de concepção. Sua imagem deixa de ser um problema que a entristecia e passa a ser um motivo de orgulho a partir do momento que ela passa a compreender suas origens e a importância de seu povo para a construção cultural do seu lugar. A pluralidade e a miscigenação deixam de ser destacados como diferenças negativas e passa a ser um traço cultural a ser perpetuado e exaltado.

Essa mudança diz respeito não apenas a imagem individual, mas também à imagem coletiva. Mesmo que, no livro, o foco da mudança seja a protagonista (individual), indiretamente a mudança abrange a todos (coletivo). Prova disso é o final que interage com os leitores. A questão final em "Lelê ama o que vê! E você?" leva o leitor a uma reflexão coletiva sobre o cultural, social e ideológica do país. Será que todas as crianças se sentem bem com o que veem? Se isso não acontecer, a educação e a leitura poderiam ajudar em uma mudança? Pelo o que podemos perceber, tudo isso pode ser possível através da educação e da literatura, importantes ferramentas de aprendizagem

Considerações Finais

Portanto, a obra de Belém dialoga com o discurso contemporâneo referente à valorização da cultura negra e de sua importância na formação do Brasil. Como também com as questões do preconceito racial e a tentativa de mudança do pensamento

preconceituoso que ainda existe em nossa sociedade. Ao promover o encontro com suas origens, a personagem se identifica e se integra no meio social não somente reconhecendo suas diferenças, mas valorizando-a como parte integrante da pluralidade étnica do Brasil, sem que isso a desmereça em nenhum aspecto.

A literatura infantil é grande responsável pela formação do sujeito leitor crítico. Através das narrativas infantis, personagens e enredos é possível a mente das crianças trabalhar com a identificação com a realidade que as cerca. Por isso, obras como a de Valéria Belém possuem grande importância no trabalho pedagógico. Em um país onde ainda existem casos gritantes de racismo, mesmo com sai história de miscigenação, essas obras trazem espaços de debate frutíferos sobre o tema, sempre orientado pelo professor.

O tema afrodescendente pode e deve ser tratado pela literatura e também em outras áreas de estudo, devendo iniciar-se na infância, fase onde se pode formar (ou deformar) o cidadão crítico e participativo na construção da sociedade. E os valores negativos no tocante à miscigenação podem começar a mudar exatamente nessa fase. Assim mudanças sociais significativas podem acontecer.

A identidade infantil, e em especial a da criança negra, está em processo de formação e inserção em novos grupos sociais. Sendo assim, é essencial que encontrem traços nestes novos círculos referentes à sua etnia, com o objetivo de preservar sua autoestima e a formação de uma identidade.

Vale ressaltar que não deve ser um tema apenas para crianças negras, mas para todas as crianças, afinal, todos nós, sejam qual a etnia, fazemos parte da sociedade. A visão negativa da miscigenação brasileira é uma responsabilidade de todos.

Respeitar essas distinções étnicas desde a infância torna-se cada vez mais urgente, já que é a falta de exemplos positivos nessa fase que perpetuam a rejeição a sua própria origem e reforça a rejeição do outro. Nesta perspectiva e levando em consideração uma mudança desde a infância, a literatura torna-se um instrumento propício na abordagem do tema e na possibilidade de sucesso nessa mudança de pensamento.

REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustração Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANDIDO, Antonio. Uma palavra instável. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Vários escritos**.3. ed. São Paulo: Duas Cidades,1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly N. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na sociedade de classes.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala.** São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. n. 23, Maio/Agosto, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 2003. Disponível em:<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** SP: Cia das Letras, 2010.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In SCHARCZ, Lília M., QUEIROZ. Renato S. (org). **Raça e diversidade.** São Paulo: Edusp, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. (Org.) Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

Recebido: 30/06/2017
Aprovado: 05/08/2017